

# Darcy Ribeiro e a UnB

a universidade  
necessária no  
século XXI

Murilo Silva de Camargo  
Mônica Celeida Rabelo Nogueira  
Alexandre Simões Pilati  
Esther Bemerguy de Albuquerque  
(org.)



**Universidade de Brasília**

**Reitora** : Márcia Abrahão Moura  
**Vice-Reitor** : Enrique Huelva

EDITORA



**UnB**

**Diretora** : Germana Henriques Pereira

**Conselho editorial** : Germana Henriques Pereira (Presidente)  
: Ana Flávia Magalhães Pinto  
: Andrey Rosenthal Schlee  
: César Lignelli  
: Fernando César Lima Leite  
: Gabriela Neves Delgado  
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo  
: Liliane de Almeida Maia  
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira  
: Roberto Brandão Cavalcanti  
: Sely Maria de Souza Costa



**Darcy  
Ribeiro  
e a UnB**  
a universidade  
necessária no  
século XXI

Murilo Silva de Camargo  
Mônica Celeida Rabelo Nogueira  
Alexandre Simões Pilati  
Esther Bemerguy de Albuquerque  
(org.)

**Equipe editorial**

**Coordenação de produção editorial** : Marília Carolina de Moraes Florindo

**Assistência editorial** : Jade Luísa Martins Barbalho  
: Emily Dias de Matos

**Revisão** : Ana Alethéa Osório

**Diagramação** : Wladimir de Andrade Oliveira

: © 2022 Editora Universidade de Brasília

: Editora Universidade de Brasília  
: Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar  
: Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF  
: CEP: 70910-900  
: Telefone: (61) 3107-3700  
: Site: [www.editora.unb.br](http://www.editora.unb.br)  
: E-mail: [contatoeditora@unb.br](mailto:contatoeditora@unb.br)

: Todos os direitos reservados. Nenhuma parte  
: desta publicação poderá ser armazenada  
: ou reproduzida por qualquer meio sem a  
: autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília  
Heloiza dos Santos – Bibliotecária – CRB 1/1913

---

D214      Darcy Ribeiro e a UnB : a universidade necessária no  
século XXI / organizadores, Murilo Silva de Camargo  
... [et al.]. – Brasília : Editora Universidade de  
Brasília, 2022.  
200 p. ; 23 cm.

ISBN 978-65-5846-120-3 (impresso).  
ISBN 978-65-5846-114-2 (e-book).

1. Ribeiro, Darcy, 1922-1997. 2. Universidade de  
Brasília. 3. Universidades e faculdades públicas. I.  
Camargo, Murilo Silva de (org.).

CDU 378.4

---

 Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

# Sumário

## Apresentação

- 9** | **Darcy Ribeiro e a UnB: a universidade necessária no século XXI**



## Parte I

### Os textos de autoria dos estudantes de graduação

- 23** | **Utopia e realidade: reflexões sobre os rumos da Universidade de Brasília**  
Alexsandro de Sousa Bandeira
- 33** | **Universidade para quê? A universidade está sintonizada com o melhor do saber universal e com a sociedade brasileira?**  
Cesar Rodrigues van der Laan
- 43** | **A criatividade para a realização da visão universitária de Darcy Ribeiro**  
Cristiano Hoppe Navarro
- 51** | **Universidade de Brasília, universidade-utopia**  
Júlia Guimarães Stoimenoff Brito
- 59** | **A UnB de Darcy Ribeiro: a aproximação entre o saber e as questões de uma realidade social**  
Nicole Ferro Antunes de Oliveira
- 67** | **Darcy Ribeiro: sonhos interrompidos**  
Victor Eduardo Alves Rocha



## Parte II

### Os textos de autoria dos estudantes de pós-graduação

- 81** | **A universidade sonhada por Darcy Ribeiro:**  
o papel da Biblioteca Central da UnB e da  
Editora UnB na busca pela utopia necessária  
*Ana Flávia Lucas de Faria Kama*
- 91** | **O papel da universidade e o contexto da  
pandemia:** um ensaio à luz dos ensinamentos  
de Darcy Ribeiro  
*Andressa Soares Costa*
- 105** | **“A universidade necessária”:**  
saber humanizado e responsabilidade social  
*Clerismar Aparecido Longo*
- 123** | **Vozes da resistência:** Darcy Ribeiro e a UnB no  
debate contemporâneo  
*Inês Ulhôa*
- 137** | **Indo para a Universidade de Darcy:** educação  
e liberdade para pensar a partir do Brasil  
*Kennia Dias Lino*
- 145** | **A universidade pública, gratuita,  
de qualidade e inclusiva para todos:**  
a luta dos povos indígenas para sua inclusão  
nas universidades públicas  
*Luciana Beatriz de Araújo Colombo*



- 159 | Universidade para quê e para quem?**  
Darcy Ribeiro, Lyra Filho e a UnB no processo de pluralização do ensino superior no Brasil  
Marcos Júlio Vieira dos Santos
- 169 | Universidade para mudar gente que muda o mundo: uma autoetnografia para ler a política educacional no Brasil**  
Rayane Andrade
- 187 | Darcy Ribeiro e a crítica que não envelhece**  
Thaís Coelho Mariano



Darcy Ribeiro e  
Oscar Niemeyer  
visitam a UnB (1985)

Fonte: Universidade de Brasília.  
Arquivo Central. AtoM UnB





Parte I

# Os textos de autoria dos estudantes de graduação



Detalhe da  
arquitetura do  
Memorial Darcy  
Ribeiro (Beijódromo)

Foto: Júlio Minasi/Secom UnB



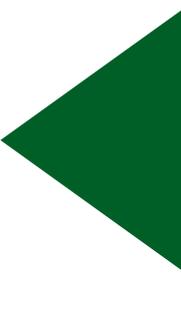
## Darcy Ribeiro: sonhos interrompidos

Victor Eduardo Alves Rocha

Na obra *Deuses de um mundo moderno* (figura 1), José Clemente Orozco (1883-1949), retrata um feto natimorto, usando capelo, marcando um conhecimento morto há tempos. Os mestres, ao fundo, são produtos de um sistema em que o saber obsoleto leva à morte de muitos na ignorância, em um ciclo que se repete a cada geração de formandos “mortos-vivos”. Orozco sentia o sinal dos tempos, *Zeitgeist*, um clima cultural de rebeldia que varreria o continente (Alambert, 2015).

Os anos 1960 no Brasil foram marcados por semelhantes efervescências. Movimentos sociais, trabalhistas, entidades estudantis e intelectuais disputavam a consciência da sociedade. Nesse contexto fecundo de ideias, pensadores indignados com o ensino decrépito da academia brasileira lutavam por reformas (Silva, 2015).

Entre eles estava o polímata Darcy Ribeiro (1922-1997), delegado de uma visão para o desenvolvimento autônomo do Brasil. Essa concepção, batizada depois de “a universidade necessária”, fez surgir a Universidade de Brasília (UnB), orientada aos objetivos nacionais e sociais. Agiria como uma incubadora, elevando a nível mundial as ciências do país (Ribeiro, 1982).



**Figura 1:**  
*Deuses de um mundo moderno*, de José Clemente Orozco



Fonte: WikiArt.org

Contudo, esse projeto de Brasil pungente, com a UnB no centro, foi sufocado no berço. No dia 1º de abril de 1964, os militares deram um golpe premeditado para interromper as reformas de João Goulart. Darcy Ribeiro foi exilado e acompanhou a descaracterização da UnB por quase 20 anos (Martins, 2015).

Quando contradições latentes da sociedade são apartadas, mas não solucionadas, a repetição da história como farsa obriga um povo a confrontar seus fantasmas. O momento atual, sublinhado pela intolerância, violência, apologia à tortura e falsas notícias, ameaça as liberdades democráticas reconquistadas recentemente.

Com políticas de corte neoliberais, forças reacionárias seguem interrompendo sonhos. Como os mestres “mortos-vivos” de Orozco, almejam uma universidade estéril de invenção. A máxima de Nietzsche (2017, p. 57): “querendo-se escravos, é uma tolice educá-los como senhores” ganha nova relevância.

## Darcy Ribeiro e “suas peles”

*Às vezes me comparo com as cobras, não por serpentário ou venenoso, mas tão só porque eu e elas mudamos de pele de vez em quando. Usei muitas peles nessa minha vida.*

(Darcy Ribeiro, 1990)

Mineiro de Montes Claros, Darcy Ribeiro foi um homem de muitas faces. A melhor apresentação ao antropólogo é caminhar pelo Instituto Central de Ciências (ICC) da UnB. O “Minhocão”, como é conhecido, reúne história, criatividade e arte. A sinestesia, ataque e junção dos sentidos, é sentida no encontro de milhares de estudantes, pesquisas, projetos e formações.

O Memorial Darcy Ribeiro (figura 2), ou “Beijódromo”, representa seu ideário de caldeamento de povos, culturas e saberes. Concebido por João da Gama Filgueiras Lima (Lelé), trata-se de um espaço ideal para “namorar e ouvir serestas” (Lima, 2004), fomentando a cultura inovadora imaginada para o *campus*.

Segundo Lelé, o prédio não foi inspirado em nada específico, mas ele e o amigo brincavam com a ideia de mescla entre disco voador, em homenagem ao futurismo do companheiro, e uma maloca dos povos Xavante e Kamayaná, a fim de honrar a outra pele de Ribeiro, a de indigenista apaixonado (Lima, 2004).



**Figura 2:** Memorial Darcy Ribeiro, “Beijódromo”, de João Filgueiras Lima

Fonte: fundar.org.br

Darcy enxergava um Brasil dilacerado, historicamente construído como um subproduto da colonização portuguesa. Um “moinho de gastar gente” que existia para produzir açúcar, ouro ou café (conforme a moda dos tempos) e gerar lucros para uma classe dominante infecunda, sem garantir prosperidade comum para o povo (Ribeiro, 2015).

Apaixonado por ensinar, Darcy viu em Anísio Teixeira um parceiro intelectual ideal. Pensaram uma universidade iconoclasta, pois acreditavam que as instituições preexistentes seguiam modas estrangeiras, não pesquisavam o Brasil, eram elitistas e autocráticas. Diversamente, queriam uma universidade focada nos problemas da coletividade nacional, gerando noções científicas e humanísticas inéditas (Ribeiro, 1978).

Nessa missão, Darcy usou a pele da política. Como ministro, foi organizador da vontade coletiva, desenvolvendo a visão a ser abraçada pelas massas. Revela-se um intelectual orgânico, atuando pela transformação social. Intelectuais orgânicos representam uma classe e desempenham funções para promovê-la. Todo grupo social nasce das condições necessárias à produção e cria intelectuais que os representam, sem se colocar acima deles (Gramsci, 2006).

## O paraíso perdido

*Exatamente nessa veia (liberdade) é que nossa querida UnB foi sangrada. Não por culpa dela, mas da ditadura militar que se implantou sobre o Brasil estancando toda a vida cultural, perseguindo, torturando, exilando, matando. Toda a vida inteligente do Brasil se empobreceu drasticamente com essa sangria.*

(Darcy Ribeiro, 1990)

A ditadura engendrou uma reforma para as demandas do capital, que consistia na formação de recursos humanos para o mercado de trabalho, sem nenhum compromisso emancipatório. Fecharam um contrato entre o Ministério da Educação (MEC) e a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (Usaid), que vinculava o ensino nacional ao modelo imposto pelos Estados Unidos à América Latina (Lira, 2009). O golpe consolidou um projeto imperialista de dependência, denunciado sempre por Ribeiro e aliados.

Usufruindo desse remanejamento, as instituições de ensino superior (IES) privadas obtiveram uma taxa de crescimento superior à das instituições públicas. Atualmente, as universidades privadas concentram 75% do total das matrículas brasileiras, contudo, não são capazes de atender toda a demanda (Inep, 2019).

Houve forte expansão de vagas nos governos do Partido dos Trabalhadores (PT) entre 2003-2016. Em 2002, foram registradas 3,48 milhões de matrículas no ensino superior, enquanto, em 2015, somaram 8,03 milhões. Crescimento expressivo, mas aprofundou a tendência de concentração do alunado em instituições privadas (Inep, 2016).

A despeito do lucro obtido, o empresariado continua prescrevendo o modelo de transferência de dinheiro público, que deveria servir a educação pública, para o setor privado. O Programa Universidade para Todos (ProUni) e o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) são exemplos disso.

Mesmo contraditória, a expansão de vagas, somada com a política de cotas sociais, raciais e por deficiência física, mudou muito a composição demográfica das universidades. Essa mudança tem impacto positivo, pois, quando as universidades se tornam mais inclusivas, as pesquisas se aproximam das verdadeiras aspirações dos brasileiros (Figueiredo, 2016).

Uma emancipação importante adveio dessas políticas, mas a superação das históricas desigualdades exige intervenção ativa, não só melhorias passivas. Caso contrário, a história oferece uma analogia perturbadora. Chama-se de miséria alemã o abismo entre a grandeza histórica da filosofia e cultura alemã e as poucas oportunidades de autorrealização da sua juventude no século XIX. Eram condenados ao atraso pelas imposições das oligarquias dominantes, mesmo sendo altamente instruídos (Netto, 2020).

Ribeiro, consciente disso, alertava: “Não há lugar melhor para se fazer um país como este, mas tem uma classe dominante ruim, ranzinza, azeda, medíocre, cobiçosa, que não deixa o país ir pra frente” (Ribeiro, 1988). Com a precarização do trabalho e o aumento do desemprego, o fortalecimento dessa tendência, da variante “miséria brasileira”, é uma possibilidade.

### “Nova Roma” ou o velho “moinho de gastar gente”?

Idealizado por Darcy e Eduardo Galvão, o Parque Indígena do Xingu foi estabelecido em 1961. Ribeiro, que viveu uma década em aldeias, afirmava que

a delimitação de uma vasta área natural como terra indígena garantiria a sobrevivência cultural desses povos e a preservação das terras (Martins, 2015).

Postulava que a formação do Brasil estabeleceu as bases de uma civilização que reunia condições para ser uma “Nova Roma”. Ribeiro sonhava que a soberania guiasse o país ao desenvolvimento econômico com justiça social. Mas o regime de 1964 pensava diferente (Martins, 2015).

Os generais foram implacáveis na tentativa de destruição do legado indianista de Darcy, das áreas naturais e dos povos originários. Fatiaram a Amazônia em lotes de até um milhão de hectares, cedidos a empresas. Derrubaram florestas para transformá-las naquilo que achassem melhor, provocando desertificação (Ribeiro, 2015).

Como a desflorestação é intensa perto de locais antropizados, os militares lançaram uma tendência persistente. No início dos anos 2000, mais de 90% do desmatamento ocorreu em um raio de 50 km de estradas ou rodovias (Laurance, 2001). Incentivaram também a expulsão e extermínio de indígenas, que passaram por um apagamento cultural e inserção forçada no estilo de vida urbano e industrial. Ribeiro (2015) comenta:

Não houve nunca possibilidade nenhuma de que os povos avassalados mantivessem sua identidade. Primeiro, os índios que aqui estavam; depois, os negros para cá trazidos, e os brancos e até os orientais, foram todos radicalmente transfigurados. Isso se operou com tamanha brutalidade que desfez, étnica e culturalmente, quantos foram engajados no processo.

## A universidade necessária no século XXI

Estancar o sangramento latino-americano com reformas pontuais se mostrou ineficiente quando a pandemia atingiu massas de trabalhadores excluídos, sem uma rede de seguridade social capaz de tratá-los ou protegê-los da covid-19. Agora, coloca-se como desafio usar as lentes de interpretação da realidade de Darcy e repensar novas instituições que estejam à altura das demandas do século XXI.

Mas sobre quais valores essas propostas devem se assentar? Afinal, a palavra universidade vem do latim *universitas*, que significa universalidade e totalidade (Rezende, 2014). Refere-se a um grupo de pensadores reunidos com interesses comuns. Entretanto, como demonstrado pelo próprio golpe de 1964, interesses materiais frequentemente se mostram inconciliáveis. Então como construir uma universidade verdadeiramente popular?

Na concepção marxista, só é possível uma universidade livre dessas contradições num futuro socialista. Esse princípio é fundamentado por Karl Marx na obra *Crítica do Programa de Gotha*. Marx polemiza com os defensores da tese segundo a qual, na sociedade capitalista, a educação poderia ser igual para todos:

Absolutamente condenável é uma educação popular sob incumbência do Estado. Uma coisa é estabelecer, por uma lei geral, os recursos das escolas públicas, a qualificação do pessoal docente, os currículos etc. e, como ocorre nos Estados Unidos, controlar a execução dessas prescrições legais por meio de inspetores estatais, outra muito diferente é conferir ao Estado o papel de educador do povo! O governo e a Igreja devem antes ser excluídos de qualquer influência sobre a escola (Marx, 2012).

O Estado capitalista fez-se pela burguesia e representa os seus interesses, logo, é inconcebível que promova isonomia real. Contrariamente, condiciona jovens para funções administrativas nas empresas, mobilizando saberes estéreis para que não se questione a exploração (Boron, 2015).

Em vista do materialismo histórico, ou se educa a favor dos setores populares e da transformação social, ou contra os setores populares e pela continuidade do sistema opressor. Não existe neutralidade pedagógica ou educação puramente técnica (Fischman, 2015).

A principal divergência do pensamento darcyano com Marx é a crença em uma “revolução educacional” institucional, não ensinando “fatos, mas ideias, estruturas de pensamento, moldes ou modos de pensar, para com eles estudarmos e interpretarmos os fatos” (Ribeiro, 1998).

Noção incompatível com o materialismo, pois a educação não garante emancipação sem a transformação das bases econômicas da sociedade. Entretanto, há diálogo entre o pensamento de Darcy e de Marx sobre os desígnios espúrios que as classes dirigentes impõem às massas:

Pode-se dizer da cultura erudita brasileira, que ela serviu e serve mais às classes dominantes, para a opressão do povo, que a outra coisa [...]. Mesmo quando dominou os saberes técnicos, os dominou muito mais para produzir, acumular e exportar lucros do que para construir um país habitável, para implantar uma sociedade solidária.

O saber ou a técnica, por competentes que sejam, nada significam, se não se perguntam para que e para quem existem e operam, se não se perguntam a quem servem, se não se perguntam se há convivência do sábio com o cobiçoso (Ribeiro, 2015).

A integração entre Ribeiro e a concepção marxista da história é possível através do conceito hegeliano de superação/suprassunção, *Aufhebung*, elucidado por José Paulo Netto (2020), na obra *Karl Marx: uma biografia*, da seguinte forma: denota um processo que “é ao mesmo tempo um negar e um conservar” (Hegel, 2008, p. 96).

Como Marx simultaneamente negou e conservou criticamente elementos da elaboração hegeliana, para elevá-los, o pensamento darcyano pode ser superado, negando seu idealismo sobre a revolução e conservando o diagnóstico aguçado da realidade nacional. Afinal: “veja, eu não sou exatamente o que possa ser chamado de um marxista formal. Sou o oposto. Mas sei que sou herdeiro de Marx” (Ribeiro, 1990).

Na esteira de Marx (2012), conclui-se que a tarefa fundamental é fazer da universidade uma base para o povo dirigir o poder após a revolução brasileira. Devolver às pessoas o saber é o objetivo comum dos intelectuais radicais, já que o conhecimento científico é produzido com a riqueza criada pelos trabalhadores, mas é apropriado pelos ricos para ampliar seu arsenal de monopólios (Levins, 2005).

É necessário oferecer mais cursos noturnos e um calendário compatível com a juventude trabalhadora. Graças ao crônico desfinanciamento, a discussão sobre reformas é amparada na simplificação da graduação, que paulatinamente deixa de articular ensino, pesquisa e extensão devidamente. Assim, os projetos não atendem às necessidades populares, mas às empresas e ao agronegócio (Aguilar, 2015).

A extensão é excessivamente voltada a projetos assistenciais ou empresas juniores. A pesquisa é vinculada ao imperialismo no sistema de dependência e fuga científica, impossibilitando a produção soberana. A renovação começa com a supressão dos subsídios ao setor privado e a realocação dos estudantes para o setor público. O fortalecimento da licenciatura, através do Pibid, estágios remunerados e pesquisas, como o Pibic, também é fundamental (Iasi, 2011).

Universidades 100% públicas, laicas, populares e de qualidade são a meta, inseridas no programa revolucionário criador de uma sociabilidade de avanço nacional (Iasi, 2011). A aplicação de um ensino menos tecnicista e mais integrado com as periferias, quilombos, aldeias e assentamentos é possível e começa pela liberdade de uso do espaço das universidades pelas comunidades.

O intento é uma formação integral para a juventude, que deseja tanto apertar os parafusos, quanto entender a mecânica, a química e o processo de extração da matéria-prima. Anseia compreender as relações de produção que fizeram o parafuso estar na fábrica e que o levarão até o automóvel (Silva, 2020). Sobretudo, almeja que todos os trabalhadores façam, pelas próprias mãos, tudo o que lhes diz respeito.

## Conclusão

A universidade necessária no século XXI deve ter alta capacidade de investimento e ser orientada à solução dos problemas da coletividade. Como semente de novas relações sociais, precisa ofertar a formação política para transformar espaços de estudo, trabalho e frentes de massa, difundindo valores coletivos, de unidade de classe, anti-imperialistas e socialistas.

Nessa empreitada, honrar os que tiveram o Brasil como missão da sua vida e razão dos seus estudos, nas vitórias e fracassos, pensamentos e fazimentos, é prioridade. Do Oiapoque ao Chuí, em Brasília ou no Xingu, os sonhos de Darcy Ribeiro dormem em cada brasileiro.

## Referências

AGUILAR, Hugo Aboites. Universidades. *In: ENCICLOPÉDIA latino-americana*. São Paulo: Boitempo, 2015. Disponível em: <http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/u/universidades>. Acesso em: 30 set. 2022.

ALAMBERT, Francisco. Artes plásticas. *In: ENCICLOPÉDIA latino-americana*. São Paulo: Boitempo, 2015. Disponível em: <http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/a/artes-plasticas>. Acesso em: 30 set. 2022.

BORON, Atilio A. Estado. *In: ENCICLOPÉDIA latino-americana*. São Paulo: Boitempo, 2015. Disponível em: <http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/e/estado>. Acesso em: 30 set. 2022.

FIGUEIREDO, Ângela. Para além dos números: uma reflexão sobre a experiência de professores/as e alunos/as negros/as na pós-graduação. In: ARTES, Amélia; UNBEHAUM, Sandra; SILVÉRIO, Valter. (org.). *Ações afirmativas no Brasil: reflexões e desafios para a pós-graduação*. São Paulo: Cortez; Fundação Carlos Chagas, 2016. p. 213-240.

FISCHMAN, Gustavo E. Educação popular. In: ENCICLOPÉDIA latino-americana. São Paulo: Boitempo, 2015. Disponível em: <http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/e/educacao-popular>. Acesso em: 30 set. 2022.

GRAMSCI, Antonio. Caderno 12 (1932). Apontamentos e notas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. In: GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. v. 2.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do Espírito*. 5. ed. Petrópolis: Vozes; Editora Universitária São Francisco, 2008.

IASI, Mauro Luís. Movimento por uma Universidade Popular. In: RENZO, Artur (ed.). *Blog da Boitempo*, São Paulo, 14 set. 2011. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2011/09/14/movimento-por-uma-universidade-popula/>. Acesso em: 30 set. 2022.

INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira). *Censo da Educação Superior*: sinopse estatística. Brasília: Inep, 2016.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Censo da Educação Superior*. Sinopse Estatística, 2019.

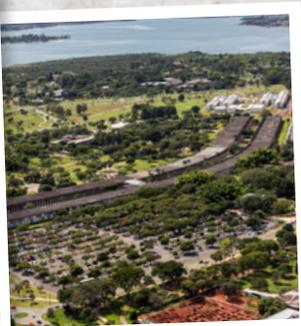
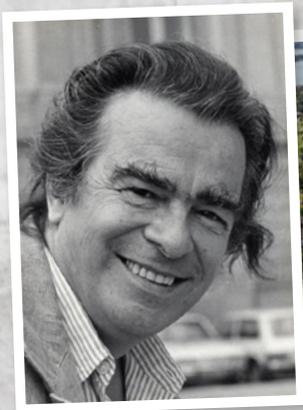
LAURANCE, William F. *et al.* The Future of the Brazilian Amazon. *Science*, New York, v. 291, n. 5503, p. 438–439, 2001.

LEVINS, R. How Cuba is going ecological. *Capitalism Nature Socialism*, v. 16, n. 3, p. 7-25, set. 2005.

LIMA, João Filgueiras. *O que é ser arquiteto*: memórias profissionais de Lelé (João Filgueiras Lima). Entrevista a Cynara Menezes. Rio de Janeiro: Record, 2004.

- LIRA, Alexandre Tavares do Nascimento. Reflexões sobre a legislação de educação durante a ditadura militar (1964-1985). *Revista Histórica*, São Paulo, n. 36, jun. 2020. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/antiores/edicao36/materia01/>. Acesso em: 30 set. 2022.
- MARTINS, Carlos Eduardo. Ribeiro, Darcy. In: ENCICLOPÉDIA latino-americana. São Paulo: Boitempo, 2015. Disponível em: <http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/r/ribeiro-darcy>. Acesso em: 25 nov. 2021.
- MARX, Karl. *Crítica do programa de Gotha*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- NETTO, José Paulo. *Karl Marx: uma biografia*. São Paulo: Boitempo, 2020.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.
- REZENDE, Antônio Martinez de; BIANCHET, Sandra Braga. *Dicionário do latim essencial*. 2. ed. São Paulo: Autêntica, 2014.
- RIBEIRO, Darcy. *O Brasil como problema*. São Paulo: Global Editora, 2015.
- RIBEIRO, Darcy. *O processo civilizatório*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- RIBEIRO, Darcy. *UnB: invenção e descaminho*. Rio de Janeiro: Avenir, 1978.
- RIBEIRO, Darcy. *Testemunho*. São Paulo: Siciliano, 1990.
- RIBEIRO, Darcy. *A universidade necessária*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- RIBEIRO, Darcy. *Roda Retrô Darcy Ribeiro 1988*. [Entrevista cedida ao programa] Roda Viva. [S. l.: s. n.], 20 jun. 1988. 1 vídeo (86min). Publicado pelo canal Roda Viva. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6r7QDo9yHJk>. Acesso em: 11 out. 2022.
- SILVA, A. N. da; SANTOS, D.; AMARAL, G. Educação na crítica ao programa de Gotha: uma síntese. *Revista Trabalho Necessário*, v. 18, n. 35, p. 272-287, 23 jan. 2020.
- SILVA, Paulo Vinícius S. União Nacional dos Estudantes, Brasil. In: ENCICLOPÉDIA latino-americana. São Paulo: Boitempo, 2015. Disponível em: <http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/u/une>. Acesso em: 25 nov. 2021.

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.



## Darcy Ribeiro e a UnB

a universidade necessária no século XXI



Este livro é uma homenagem à Universidade de Brasília, que em 2022 completa 60 anos, e a Darcy Ribeiro, um de seus mais importantes idealizadores e fundadores, que faria cem anos. Quinze ensaios escritos por estudantes da UnB sobre Darcy Ribeiro e a universidade necessária compõem este volume, que é resultado de edital conjunto da UnB e do Conselho Editorial do Senado (Cedit).

Os textos desta coletânea projetam as vozes de estudantes, em um exercício que investiga os efeitos do pensamento e da ação de Darcy Ribeiro na jornada da Universidade de Brasília, as transformações pelas quais ela passou e aquelas que promoveu. Que vozes poderiam ser mais lúcidas que essas para colocar em perspectiva a história da Universidade? São vozes plurais que reiteram, de forma uníssona, o compromisso da UnB com a construção de soluções para os desafios do país e do mundo – fossem os passados, sejam os presentes. A despeito das diversas tentativas de cerceamento da ação emancipadora desta Universidade, afirmam os estudantes: a UnB alcança os seus 60 anos atuante como sempre, necessária como nunca.



UnB | DEX

EDITORA  
UnB 60

